

# Alma Nova

REVISTA ILUSTRADA EDUCATIVA  
— CRITICA E ARTES —

FARO

Colaboração dos principais escritores do Algarve

LISBOA

Direcção e Administração

Rua da Procissão, 91-3.º

LISBOA

DIRECTOR-EDITOR

Mateus Martins Moreno

SECRETARIO-ADMINISTRADOR

J. A. Ascensão Contreiras

Composição e impressão

MINERVA COMERCIAL

Rua da Republica, 73, 75 e 77

EVORA

Assinaturas — ANO — (Pagamento adiantado) — Portugal e Colonias 50 cent. —

Estrangeiro 3 francos.; Brazil (moeda fraca) 2 escudos

Correspondentes e Representantes nos principais institutos de ensino



O Algarve Pitoresco—Pego do Inferno—Tavira

(Cliché de Francisco S. Padinha).

## SUMARIO

**Texto:**—*Educação Moral*, por Braga Paixão; *Alma Nova*, soneto, por Marcos Algarve; *Tipos: A Varina*, versos, por M. M. M.; *Artes: Comentários...*, por Severino; *Fragmento*, versos, por Bernardo de Passos; *Figuras & Factos: Algarvios Ilustres; Antonio Cabreira*, por Teófilo Braga; *Concurso Infantil; A Melhor Vida*, versos, por Guerra Junqueiro; *Dos nossos cronistas e correspondentes*; carta de Maurício Monteiro; *De S. Braz d'Alportel*, por José Dias Sancho; *Notas; Paleos e Cinemas*.

**Gravuras:**—Pego do Inferno, Tavira (na capa); Moinho da Atalaia (ou Grelha), estudo a óleo, da sr.ª D. Maria A. Pires Chaves (acompanhado do retrato da autora); *Antonio Cabreira em 1891*; Maurício S. Monteiro, Ascensão Contreiras e José Dias Sancho.





## EDUCAÇÃO MORAL

### *Pelo seu lado sociologico*

A educação moral deve ser orientada pelo maximo respeito pela personalidade, que é preciso desenvolver como elemento de progresso social.

O progresso humano, principalmente sob o ponto de vista intelectual, (e ácerca deste não existem dúvidas) é um justificado motivo de orgulho do nosso tempo. Devemo-lo ás gerações que nos precederam e impõe-se-nos o imperioso dever de o continuar, tanto quanto nos seja possível.

Aos nossos antepassados, que antes de nós trilharam um caminho, que difere do nosso em este não ser tão áspero por elles no-lo terem amenizado, prendem-nos os laços de uma solidariedade tão intensa que a nossa gratidão e o nosso esforço não deixarão afrouxá-la. Trabalhar pelo progresso é pagar uma dívida aos homens que trabalharam antes de nós.

E que admirável exemplo de preserverança dá aos nossos educandos a contemplação dessas gerações sucessivas, lutando pertinazmente através os séculos na conquista de uma época melhor, em troca dum passado negro que se ia a pouco e pouco lançando para trás, passado tão triste e tão escabroso, que são poucos todos os nossos desejos de que a elle se não volte.

Que exemplo imponente de constância, de persistencia num *querer* escrupulosamente mantido através dos séculos, desde o homem das cavernas até ao conquistador dos ares e da liberdade de pensamento! Nunca se são suficientes os exemplos de persistencia a dar aos nossos educandos. E é qualidade que tanto tem falhado em Portugal... Temos sido, infelizmente, uns *espíritos de mosca*, pousando aqui e ali, sem um ideal a que muito profundamente nos aferremos. Buffon chegou a dizer que o génio é a paciência. Se fosse verdadeiro

o exagêro de Buffon, muito poucos génios teriam entre si os portugueses, tão dispostos sempre a desperdiçar por aqui e por ali as suas energias e tão pouco presos afincada e teimosamente a um trabalho grande, dos que demandam um poderoso esforço e por muito tempo. Por isso os oradores banaes são fruto corriqueiro entre nós, e raros os homens de sciência e filósofos, espiritos com a persistência necessária para investigações pacientes ou demorados raciocínios.

\*  
\* \*

Existe hoje um progresso porque as gerações trabalharam umas para as outras, cada uma prosseguindo na tarefa da anterior, como nós temos o dever de deixar um avanço que os vindouros devam continuar. As gerações que cumpriram cabalmente o papel que lhes competia podêram fazê-lo, porque os seus membros cooperaram no trabalho comum. E' o grande princípio do progresso humano—a cooperação. Já vi citada esta passagem numa conferência do Sr. Boutroux: «E' um facto objectivamente verificável que um individuo não é na sociedade como um império num império, mas que depende por toda a sua natureza, não só física, mas intelectual e moral, tanto da geração presente como das gerações passadas, do mesmo modo que todas as suas palavras, todos os seus próprios pensamentos, esboços de acção, produzem vibração no estado físico, intelectual e moral dos outros homens».

\*  
\* \*

Já vimos que o homem é essencialmente o *zoon politikon*. E' o dever de se tornar uma unidade

## Alma Nova

Das mortas ilusões do coração  
Que nascem sempre com a mocidade,  
Tenho eu aqui ao pé, juncando o chão,  
Uma descomunal infinidade...

Colhidas pela lava do vulcão  
Após uma tremenda tempestade...  
Caíram todas sem palitação  
E fulminadas com brutalidade.

Vamos correndo pela vida fóra,  
Galgando espaços, fuscas horisontes,  
Para vêr *amanhã* raiar a aurora...

E quantas ilusões vão para a cova?  
Uns—morrendo de sêde ao pé das fontes,  
Outros—a procurar uma alma nova!...

NARCOS ALGARVE.

útil na cooperação humana que lhe cria os deveres para consigo. E a necessidade de se utilizar que o leva ao amor da sua profissão, o ramo da actividade a que applica a sua energia. Para ser útil, tem de trabalhar. O amor do trabalho representa o ódio á inacção. O preguiçoso é um parasita social, vive de uma sociedade que trabalha para elle e para a qual elle nada produz.

Na tarefa que nos compete para a obra total da nossa geração, muita vez teremos de vencer grandes e penosas dificuldades. Não nos intimidemos perante elas. Saibamos resistir-lhes, redobrando a nossa energia sempre que isso fôr necessário. Que o facto de nem todas as aspirações poderem ser de momento e facilmente satisfeitas não sirva de razão para que deixemos de as ter e de lutar pela sua realização. O homem que, perante o primeiro obstáculo, desiste de um intento que julga útil para a sua geração, é um fraco e, como tal, não pode ser um elemento de progresso. Devemos desenvolver a coragem suficiente para afrontar os momentos difíceis, de maneira a contarmos conôso nas ocasiões mais perigosas.

\*  
\* \*

A primeira forma de cooperação humana que se encontra é a familia. Esta, regularmente orga-

nizada e baseada num sentimento muito profundo de cordealidade e amôr, é um elemento essencial de harmonia nas relações humanas. Que todo o homem que vai constituir família encare muito cautelosamente o passo que vai dar, não se esquecendo de que, se êle fôr dado em falso, não é sômente sôbre si que vão cair os efeitos do seu êrro.

O culto da família conduz-nos ao respeito que nos deve merecer a mulher. Conquanto, na maior parte das vezes, esta seja fisicamente inferior ao homem, não esqueçamos que ela é, como nós, um elemento indispensável de cooperação. Está-lhe principalmente destinado o papel de fazer continuar o progresso humano por futuras gerações, como primeira educadora que encontram os novos individuos.

A terra em que nascemos é a segunda forma de cooperação que se nos apresenta. Vivamos numa pequena aldeia de alguns centenaes de habitantes ou habitemos numa das grandes cidades com milhões de almas, as vantagens de cooperação surgem-nos com um rapido exame em volta de nós. A segurança pública, a iluminação, a higiêne, e tantas outras comodidades como estas, são elementos de bem estar de que não disfrutariamos se os homens não se associassem na mesma povoação. A' terra da nossa naturalidade temos de pagar, com o nosso amor e o nosso esforço, a dívida de gratidão por tantos serviços recebidos.

A' Pátria prende-nos um sentimento semelhante ao que nos liga á povoação em que nascemos, mas muito mais profundo do que êste. Cimentam-no todo um conjunto de elementos, étnicos, tradicionais, linguísticos muitas vezes, que o tornam imperecível e tão violento, que pode levar-nos a praticar os actos mais admiráveis que se apresentam perante a observação humana. Cada individuo deve á sua Pátria um quinhão de esforço pãra o seu bem estar e pãra o seu bom nome. E' assim que, por exemplo, ninguém deve procurar eximir-se ao serviço militar, a organização que a Pátria tem de manter constantemente preparada pãra garantir a sua resistência a uma possível ambição de outra nacionalidade.

Só perfeitamente descansada ácerca do respeito que merece a sua integridade, a Pátria poderá contribuir pãra a cooperação humana. O amôr da nacionalidade a que pertencemos não é razão pãra odiarmos os individuos que nasceram noutras regiões, homens como nós, e a quem nós tambem devemos muitos dos bens de que hoje usufruimos. Dum invento feito numa nação não só os individuos que a esta pertencem aproveitam, mas todos os homens.

A nossa solidariedade não se entende sômente com os elementos da especie humana, mas com toda a natureza, que temos o dever de respeitar e amar. Por isso não faremos mal aos outros animais, nem ás plantas.

\*  
\* \*

Tudo isto representa a necessidade de exercermos sôbre nós uma acção rigorosa, para nos fortalecermos e encaminharmos. Cada homem precisa de alimentar e desenvolver dentro de si uma *Vontade*. E' ela que, com a sua mão de ferro, o afastará dos prazeres que o inibem de ser o elemento útil, permitindo-lhe os que desenvolvem qualidades necessárias. E' ela que o afastará das más companhias, que exercem uma acção dissolvente, aticando os baixos sentimentos em prejuizo dos elevados. E' ela que o desviará da cólera, do odio, da mentira e da injustiça, fazendo-o viver uma vida intensa de trabalho e de produtividade na cooperação humana, tornando-o senhor de si mesmo, soberano das suas paixões e não dependente delas como um fantoche depende dos cordeis que o puxam, guiando-o pelo caminho do Bem—único que pode orgulhar a geração em que nascemos, que tanto usufrui do progresso alcançado pelas gerações anteriores, e sôbre a qual tanto se impõe o dever de o continuar.

BRAGA PAIXÃO.

O sr. dr. Braga Paixão é um dedicado e inteligente propugnador dos principios que defendemos e que em breve virá enaltecer as columnas da nossa revista com a sua pena fulgurante e criteriosa.

Antigo professor do Liceu Pedro Nunes, onde hoje é secretario, é sempre com as mais gratas referencias que todos os frequentadores daquele estabe-

lecimento de ensino declinam o seu nome.

E' tambem um acérrimo defensor das ideias pedagogicas, desempenhando na *Sociedade dos Estudos Pedagogicos* o honroso cargo de Secretario.

O presente artigo constitue uma compilação de trechos por nós extraídos de um interessante trabalho que devemos á honra da sua gentileza.

## TIPOS

### A Varina

Olha a «varina»  
Como vae bela!  
Bata singela  
De gur-gurina;  
Saia «amarrada»,  
Peitilho estreito,  
Cordão ao peito,  
Grande arrecada.

Colha a pingar,  
Mãos á cintura,  
Subindo a altura,  
Qual bilha a andar...  
E nós os pés,  
Olha a varina  
Como ladina  
Lá vae não vez?

«Bela pescada,  
Fresca sardinha  
Ha um nadinha  
Desembarcada;  
Viva, fresquinha,  
Inda a saltar;  
Quem quer comprar?  
Bela sardinha!»

Mãos á cintura,  
Braços em aza,  
Olhar em braza,  
Subindo a altura...  
E nós os pés...  
Olha a varina  
Como ladina  
Lá vai, não vez?..

Lisboa—914.

M. M. M.

### Ascensão Contreiras

Temos o prazer de registar, como fazendo parte activa da nossa revista, este nosso velho amigo e inteligente aluno da Faculdade de Medicina.

Sem pretendermos toca-lo na sua modestia, não podemos deixar de manifestar os nossos mais justos motivos de regosijo pela honra de tão distinta companhia.

### Leaes Conselheiros :

**S**ÊDE como a luz, que não tem a consciencia de que alumia. — *Lavater*.

Prende a tua lingua se não queres que ela te prenda. — *Proverbio*.

E's pobre? Assinala-te pelas virtudes. E's rico? Assinala-te pelos beneficos. — *L. Leitão*.

Nunca invejes a felicidade do homem mau. — *Lemonier*.

Lembra-te sempre que o trabalho é uma das condições da nossa existencia. — *John Denough*.

## ARTES

Quando da exposição artística em 1912, nas salas do Museu Marítimo de Faro, dirigida pelos srs. Lister Franco, da Escola Industrial Pedro Nunes, e Ezequiel Pereira, actualmente em Li-boa, na Escola Marquez de Pombal, tivémos ensejo de nos referir a uma novel artista, que o ultimo daqueles afeiçoados cultores das belas artes apresentára com alguns interessantes trabalhos, não esquecemos, então, exultar a brilhante vocação que o ainda receoso pincel deixava transparecer.

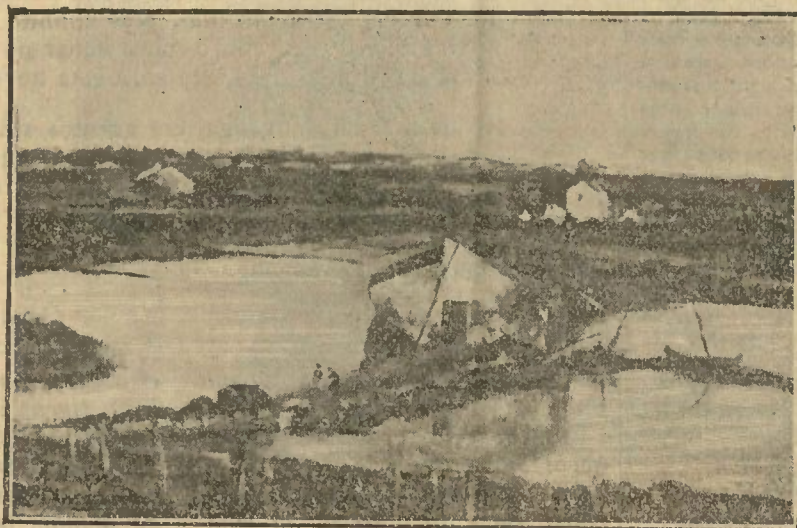
D. Maria A. Pires Chaves, — que esta era a simpatica e dedicada artista farense — apresentava os seus primeiros trabalhos.

Seriam obras-primas, evocadoras, impecaveis modelos de perfeição? Não se aventuram a tanto os vãos da nossa critica, mas sem receio de menos justiça, diremos serem trabalhos que em nada desmereciam a aplicação da principiante.



D. MARIA A. PIRES CHAVES

A sr.<sup>a</sup> D. Maria A. Pires Chaves não abandonou a brilhante carreira, estuda junto ao coração afectuoso de suas tias, e vencendo os egoismos e relutancias de um meio pouco habituado ao bom gosto de apreciar com criterio e elevação as



MOINHO DA ATALAIÁ (OU GREIHA) — FARO

Estudo a óleo de D. Maria A. Pires Chaves

suaves manifestações das belas artes, e resistindo á indiferença, ao *encolher de ombros* e até á malevolencia daqueles que nada são capazes de produzir, tem enaltecido de crescente brilho a sua dedicação e cercado o seu nome de inegaveis e carinhosas simpatias.

A arte! haverá nada mais belo que essa poesia mística das tintas em cadenciados ritmos de harmonia?!...

O artista como o poeta são os dois seres da natureza que mais se configuram. Os seus ritos são expressões doridas de uma alegria divina. «Os dois vivem na melancólica aspiração do mito da Beleza ausente, e gosam e sofrem de a entrever» — diz Antero de Figueiredo.

Arte e poesia são a face pura e virtuosa da vida. E não sabemos, com efeito, qual mais poeta: se Ticiano ou João de Deus, Rafael ou Camões, Rembrandt ou Victor Hugo.

«A moral que sai do culto da natureza, profetisa um brilhante escritor, será, num futuro próximo, uma religião nova para os espiritos livres que amam a vida a—fonte de tudo—e nela encontram ensino, sanção de virtudes, paz e elevação ideal».

Os estudos da sr.<sup>a</sup> D. Maria A. Pires Chaves, simples mas impressivos, ingenuos mas inspirados, são pedaços de nature-

za que o seu espirito subtil, retém e vivifica na expressão das tintas.

E' com imenso jubilo que hoje lhe prestamos esta sincera homenagem.

E para terminar, ainda esclamaremos com o sr. Antero de Figueiredo: — « Que a mão da mulher se mova para fixar as linhas ou modelar as fórmas — um esboço que seja — do que na natureza melhor a comoveu; ou, não podendo ser assim, que a mulher se quede, de pa'pebras cerradas, pintando com a sua recordação as tintas que a enamoraram e em que meditou, e esta é a primeira aproximação, o primeiro entendimento dos olhos da mulher com o corpo da natureza.

Mas não se imagine que devemos considerar natureza sómente êsses maravilhosos espetáculos das serras, do mar, dos rios, dos vales, das campinas de verdes searas, das florestas espessas e religiosas, um nascer do Sol, a noite estrelada, poentes mediatubundos, tempestades trágicas. Não. Natureza é tudo que nos cerca; amar a vida é ver a helezza em tudo isso, e é principalmente nas coisas modestas, e até vulgares, que se denuncia a compreensão delicada e meiga do admirador arguto.

Nada mais comum, por exemplo, do que o lírio dos campos, o saltão dos valados, a rã dos pantanos. No entanto,

ouantos vêem, com olhos ternos e penetrantes, a fidalga elegancia do lírio, o honesto desenho dessas folhas de immaculada alvura, a prece do seu gesto, a religiosidade da sua atitude? Quantos se demoram a cogitar na beleza que ha na fórma e nas côres de um esverdinhado saltão das sébes?

Quantos ouvem e entendem, em noites estivaes, os matizes resignados do canto dos sapos? E a fisionomia das plantas humildes das nossas hortas, e as posições dos animais domésticos, que todos os dias temos debaixo dos olhos? Num lameiro alagado ou numa clara poça de água, entre juncos, reflectindo céus azuis e de paz, céus de cinza e de mágua, céus de fogo e de amor, há maravilhas de colorido e de insinuação. Não se repara nisso — nisso que, como tudo que é natural, é fonte continua de infinita variedade de impressões artisticas.

Descortinar, no que nos rodeia, a estesia que as coisas contem, é cravar os olhos no sentido perfeito do que existe, no veio moral da vida, no riso da graça que ha em tudo que esplende ao Sol. Descobrir nos objectos a sua função bela é atinar com a sua função feliz.

Se o estudo meditado da natureza nos conduz á visão da sua beleza, a qual, emotivos, fixamos em arte, o mesmo meditar nos eleva á moral, isto é, á prática do bem para com a própria natureza, ao sustentar e engrandecer nela a vida — criterio de todos os deveres.

Sim; o culto da natureza deve ser para o artista a mais bela expressão do seu divino sentir. Transportar para a tela um lírio de valeta, um trecho de campina, ou o vôo de uma ave, é prestar e fazer que os outros prestem culto, admiração, carinho e amor. á flor que perfuma, ao verde das folhas que purifica e á avesinha maviosa que nos enleva no seu trilo.

Já lá dizia o mais religioso dos artistas, Tólstoi: « A felicidade é viver com a natureza, vê-la, senti-la, falar-lhe. »

## Comentarios...

*A nossa politica é fertilissima em incidentes mais ou menos graves mais ou menos, tragicos-burlescos; nunca porém isentos de comedia e de comediantes...*

*Deu-se no dia 20 do passado mês, nalguns pontos do nosso ridente Portugal, uma tentativa de rebelião, que segundo as notas do governo não mereceu dois minutos de susto, e a qual foi dominada enquanto o diabo esfrega um olho.*

*Aqui em Lisboa só se soube do que se tratava, quando os rebeldes já desarmados andavam a monte, com a pinha á chuva... para refrescar as ideias e crear juízo.*

*O nosso visinho da agua-furtada, que é um dedicado republicano vai para quatro anos, logo que soube que a partida era dos talassas, mas que estes já estavam*

## Fragmento

E' formado, bem vês, dos nossos corações este Sinai estranho, enchendo a Imensidade. No seu cume de neve envolvem-nos clarões, —reverbéros de Deus, já luz da Eternidade...

E sobre esta montanha onde o Inf'nito sorri, transfigurada estás como sobre um Thabor... Canta! Florece a Noite! Enche a Noite de Ti, de Nós, do nosso Ser! Enche-a do nosso Amor!

Desfere para a Noite o teu Canto profundo desta serra de luz donde o Amor nos ergueu, e donde águias e nós avistamos o Mundo... Verás a Terra aos pés tendo a fronte no Ceo!

Neste instante sagrado em que sentimos bem Deus a dentro do peito, e em nós o Universo, a tua voz será um cantico de Mãe a embalar-nos a Alma,—e tudo mais um berço...

Canta! Desprende a voz como um pendão ao vento por sobre a terra e o mar, pelo Infinito fóra, —para que o teu canto seja, a ecoar no firmamento, a voz do Mundo todo, ele só, nesta hora!

E que o teu Canto diga, em acentos siderios, todo o divino Bem d'esta excelsa paisagem, —tão alto, que eu não oiço o ruir dos Imperios, tão doce, que ele seja o sopro d'uma aragem...

BERNARDO DE PASSOS.

*no seguro, deu um redemoinhante pulo, ao mesmo tempo que deitava o chapéu ao ar, saltando, como heroi que é, vivas á Republica e ao sr. Afonso Costa, e partindo como um raio a dizer ao compadre que já tinha passado o perigo.*

*Mas os dois compadres, que desejavam traduzir em obras a sua justificada indignação, procuraram mais alguns elementos para desafrontar quanto antes a sua honra ultrajada... e então, já numeroso grupo, depois da ceia, resolveu atacar as redações de certos jornais.*

*E ei-los; foi metade de uma noite em cheio. Memoravel noite de 21 de Outubro!*

*Começou-se pelas redações dos jornais monárquicos que ficaram completamente aniquilados. Todo o mobiliario e material que um jornal emprega, desde a cadeira á estante, desde a tapessaria até ao caixilho da porta, foi tudo estilhaçado, vomitado á rua. Até dava gosto ver aquelas ricas*

*estantes, todas desfeitas, e aqueles belos livros aos pontapés, por sobre a lama!*

*O nosso visinho, já fatigado da refrega, voltou a casa pelas 6 da manhã, trazendo umas coisinhas num embrulhinho... para recordação.*

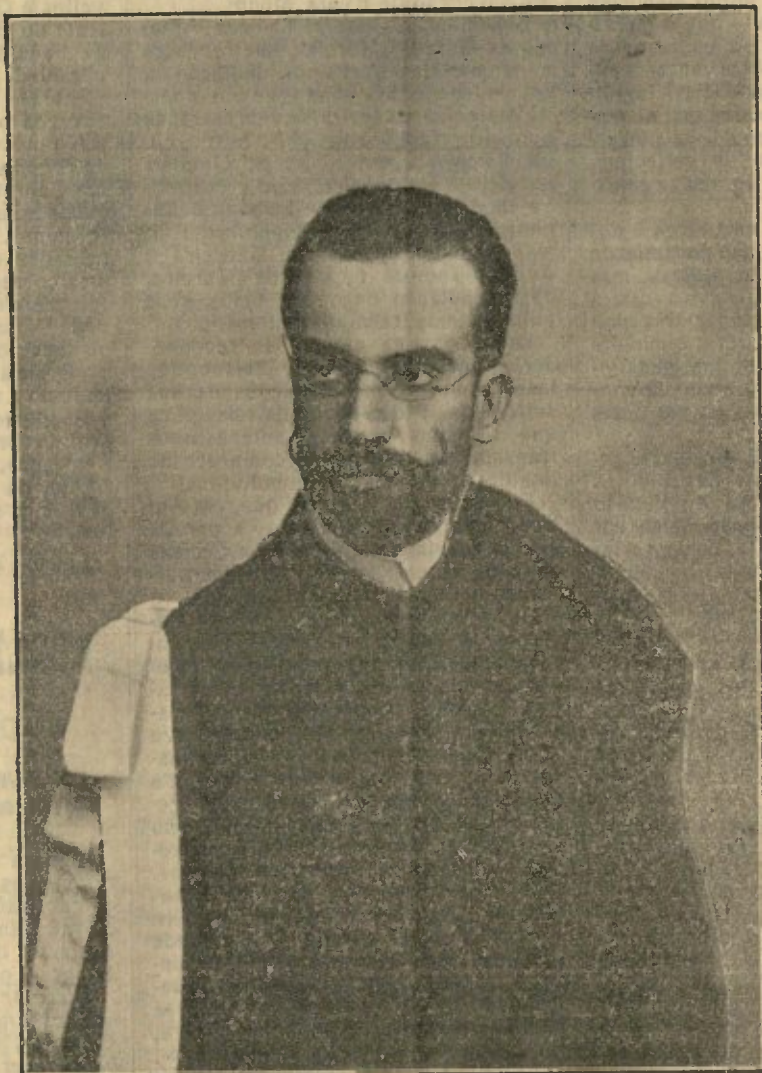
*Afirmaram-nos que este nosso heroi, na manifestação que ha pouco se fez nesta capital contra a Alemanha, foi um dos que soltaram mais «abaixos» e «morras» —aos selvagens que destruíram a Biblioteca de Louvain.*

SEVERINHO.

## DR. PACHECO SOARES

Como envolvido em os ultimos acontecimentos, de que foi Mafra o teatro principal, foi capturado em Alhandra este nosso illustre comprovinciano e sincero defensor da causa monárquica.

Era uma alma pura de rapaz; não podemos deixar de sentir a gravidade da sua queda.



ANTONIO CABREIRA EM 1891

ALGARVIOS ILUSTRES

## ANTONIO CABREIRA

Uma justa homenagem  
dos seus amigos e admiradores

Comemorando o 25.º aniversário do estabelecimento da 2.ª época de exames de instrução secundária, facto importantíssimo nos anais da instrução portuguesa e que se deveu aos esforços do sr. Antonio Cabreira, então estudante, os seus condiscipulos no liceu de Lisboa em 1888-1889, fundidos n'um affectuoso amplexo de admiração pela obra benéfica e inteligente do sabio mathematico, tomaram a peito a brilhante iniciativa de coligir e publicar, em um grosso e luxuoso volume, os factos e os documentos que atestam e valorizam os serviços por ele prestados á patria e ás sciencias, e as consagrações que, merecidamente, alcançou du-

rante este quarto de seculo; pois que, dizem muito atinadamente os seus illustres homenageadores, os brindes dos banquetes e a rectorica das sessões solénes esvaem-se como o perfume de uma planta e o seu motivo determinante perde-se na difusão do noticiario do dia, enquanto que uma publicação comemorativa, onde aqueles serviços e aquelas consagrações se arrumem, com lógica, com harmonia, dando a impressão moral e estética de um monumento, é uma manifestação *que fica*, porque define uma individualidade e a salutar função que ela exerce na Patria e na Sciencia.

Só nos resta felicitar o illustre homenageado, com o orgulho não só de amigos, mas de comprouvianos e admiradores, e tanto mais quanto é certo ser raro uma personalidade conseguir receber em vida a homenagem que representa o trabalho de minuciosissima compilação que é o brilhante volume, — «Antonio Cabreira, seus servicios e consagrações» — que temos presente.

## Dr. Antonio Cabreira

(Caractères etnogenéticos)

O grande psiquiatra inglez Mandstley estabeleceu a doutrina — que o individuo só se reconhece no conjunto da sua parentéla, para observar as aptidões, capacidades, tendencias, impulsos e mesmo as antinomias que se manifestem no seu espirito ou as perturbações mórbidas que se reflectem, pela hereditariedade, no seu organismo.

Feliz do que tiver uma larga e documentada genealogia, não para alarde de estólicas vaidades heraldicas, mas para descobrir a trama atavica que a envolve e coadjuvar as superiores qualidades organicas e moraes, diminuindo, pela cultura e disciplina pedagogica e pelo esforço deliberado da vontade, quaisquer orientações mórbidas latentes.

Muito antes, Goëthe, nas suas genias citações, com que iluminou as descobertas scientificas do seculo XIX, escrevia que o homem só se conhece na Humanidade; e, assim, o individuo será tanto mais eminente, quanto mais representar esses progressos que a continuidade humana vem transmitindo.

Apliquemos estes principios determinantes da Etnogenia dos caracteres individuais.

Em Antonio Cabreira, a sua genealogia dá-nos a razão de ser de todas as preclaras manifestações da sua individualidade.

A primeira qualidade que o distingue é uma devoção civica, servindo, arduamente, o progresso nacional, pelo esforço organisador, agremiando corporações scientificas e escolares, fundando cursos, fazendo conferencias e publicações especiaes de Matematica e sobre complexos problemas sociaes, em que, pelo criterio maseseologico, chega ás maiores deduções.

Aqui, esta persistente devoção civica vimo-la manifestada pelo seu antepassado João da Ponte Cabreira, Mestre do Campo General, servindo a independencia nacional, na Batalha de Montes Claros, em 1641. E já o seu descendente João da Guarda Cabreira, tenente coronel, em 1808, comandava a revolta contra a dominação napoleonica, no levantamento da Vila de Castro Marim.

Filho d'este bravo é o Marechal de Campo Thomaz Antonio da Guarda Cabreira, que venceu Sá da Bandeira, perto de Messines, em 24 de abril de 1834, ao qual respondeu, com a maior altura moral, á proposta «para se fazer um arranjo conveniente», porque «as tropas espanholas teem ordem de cooperarem, ofensivamente, com as forças da rainha: — «Em mim, não encontrará V. S.<sup>a</sup> esse vil caracter, pois acho mais proprio a quem tem honra morrer com as armas na mão, sejam quais forem as circunstancias em que se veja, do que vender-se a um partido ou mudar-se por ser covarde. A invasão do territorio portuguez pelos espanhoes, e que é o maior abuso da neutralidade, nenhum cuidado me dá, pois que essa gente é de natureza covarde...» (Officio de 19 de maio de 1834, existente no Arquivo do Ministerio da Guerra).

Este homem digno, que recusou os titulos de Conde de Lagos e Visconde de Val-da Mata, morreu assassinado, em Faro, pelos bandos desvaierados, após a Convenção de Evora Monte.

Seu filho, o General Thomaz Antonio da Guarda Cabreira, que recebera a patente de alferes por distincção e, em tudo, honrara o sangue e o nome do Marechal Cabreira, é representado no meio actual portuguez, e nesta época historica, pelo Lente de Quimica na Escola Politécnica (hoje constitutiva da Universidade de Lisboa) e Ministro das Finanças da Republica, Thomaz Antonio da Guarda Cabreira e Antonio Thomaz da Guarda Cabreira, com reputação europeia, pelos seus valiosissimos trabalhos matematicos.

Deste sistema atavico se reconhecerá a hereditariedade do civismo que inspira todas as manifestações da sua actividade e o espirito da disciplina que os seus heroicos antepassados transmitiram para a alta compreensão dos deveres e dignidade individual.

Por outro lado, vimos que, em Antonio Cabreira, o distingue, a par da sua integridade de caracter e firmeza nas suas determinações, sob uma permanente disciplina moral e mental, o génio creador e decisivo para as Matematicas. Assim o reconhecem as autoridades scientificas competentes, definindo as suas excepcionais capacidades Schiappa Monteiro, o grande matematico portuguez, que isto escreve sobre Antonio Cabreira: «Como matematico, tem manifestado a sua alta capacidade e aptidão e admiravel génio inventivo: as demonstrações são simples e geralmente curtas, o que revela verdadeira aptidão matematica».

O eximio professor Azevedo Albuquerque considera Antonio Cabreira «dotado de uma grande originalidade nos processos matematicos», e, secundando os juizos dos professores Francisco Horta e Mota Pegado, afirma «a sua extraordinaria aptidão inventiva, no campo das Sciencias Matematicas».

Entre os sabios francezes, Ernest Lebon e Giard collocam-no «na primeira linha dos matematicos portuguezes que teem produzido mais trabalhos originaes».

Na sua actividade, nos seus estudos sociologicos e na sua literatura, ha uma feição, que não deriva do estilo forçado, que geralmente os incultos admiram: é a nitidez do pensamento reflectida na claridade da expressão. Azevedo Albuquerque, verdadeira organização matematica, reconhece-lhe «elegante dicção, como escritôr, pela singeleza e bom senso na forma».

O mesmo observou o falecido e talentoso professor Sabino de Sousa: «variedade metodica dos seus conhecimentos scientificos, literarios e artisticos, com uma inventiva, rara e suggestiva forma literaria».

E tudo isto deriva da sua capacidade dominante, como tão superiormente mostra o professor Schiappa Monteiro: «E' raro quem, á aptidão matematica, possa aliar a aptidão para as Belas Letras e Artes; mas nêle não é para admirar que alcance essa ligação harmonica, não só pelo seu talento, mas ainda, por meio da Geometria, que tanto cultiva, pois que esta, nascendo tambem da imaginação, representa a parte poetica das Matematicas».

Vê-se ainda que tal capacidade resulta tambem de uma orientação atavica: dois dos seus tios-primos, — Coronel Duarte Cabreira de Brito e Alvellos e General Sebastião Diogo Valente de Brito Cabreira, formaram-se na Faculdade de Matematica da Universidade de Coimbra, e um outro — General Frederico Leão Cabreira, exerceu o magisterio dessa Sciencia.

No meio do seu incessante trabalho de organização pedagogica, tem Antonio Cabreira gasto o melhor das suas excepcionaes energias, tendo de resistir contra as terriveis e dissolventes pressões do meio social, minado por uma corrente de desnacionalisação. Do seu triunfo escreve o professor Azevedo Albuquerque, um dos chefes espirituaes da Democracia Portugueza: «E' pela elevação moral que se tem imposto á acção dos invejosos.»

A' gloriosa geração que Antonio Cabreira representa, corresponde êle com a vocação, que o tem dignificado e dirigidado, na sua plena convicção individual e na sua fecunda actividade social.

Lisbôa, 23 de junho de 1914.

THEOPHILO BRAGA.

## BELEZA E BONDADÉ

### Concurso infantil

Qual a mais galante menina de Faro?  
Qual o mais interessante pimpólho?

Embora poucos, temos o prazer de registar os nomes de algumas pessôas que abriram disveladas o coração ao elevado fim moral da nossa lembrança. Assim foi que recebemos em resposta ás nossas pergntas, de *Uni Anônimo*:

*Director amigo: A meu ver, o mais interessante pimpólho de Faro é o Chico, filhinho do sr. Antonio Rebelo Neves.*

Em favor da subscrição:

De A. C. ....	200 réis
Do sr. Jaime da Graça Mira.	300 »
A «Alma Nova» subscreve-se com .....	500 «

Total ..... 1\$000 réis

Esta importancia, como explicámos, será no fim dividida pelos menino e menina mais votados, afim de estes vestirem tantas criancinhas indigentes quantas se houver estabelecido.

### A MELHOR VIDA

*Viver n'uma casita á beira-mar*

*Feita no gesto inglez,*

*Casa de um só andar*

*E sem bolção chinéz;*

*Her paginas vibrantes, luminosas,*

*Ricas de coisas sãs e duradoiros;*

*Beijor crianças puras, vigorosas,*

*Ainda mesmo que não sejam loiras;*

*Junto a isto um amigo verdadeiro,*

*Saude e algum dinheiro,*

*Eis a vida melhor, mais pitoresca*

*Que existe á luz do dia...*

*A vida assim é uma roseira fresca,*

*Inundada de orvalhos de alegria!*

GUERRA JUNQUEIRO.

## DOS NOSSOS CRONISTAS E CORRESPONDENTES



1.º—Maurício S. Monteiro (Cronista da *Alma Nova*); 2.º—J. A. Ascensão Contreiras (Secretario-Administrador);  
3.º—José Dias Sancho (Representante em Faro e correspondente de S. Braz d'Alportel);

MEU CARO MORENO :

Só agora tive o praser de apreciar a tua revista «Alma Nova». E, sem lisonja, soubeste dar-lhe a verdadeira orientação, aquela que fortifica o espirito e purifica a consciencia, ilustrando ao mesmo tempo o leitôr com retalhos de boa e sã leitura.

Nos tempos que vam correndo, quem vence na concorrência literaria é a novela polvilhada de crimes, o romance amorúdo e lacrimoso; a fantasia do impossível, Sherlock-Holmes e Paulo Kock. Obra que esteriotipe a realidade, que resuma das suas paginas a moral, a critica, a ciencia e a arte, é livro que provoca bocejos, massudo, e aborrecido, que não prende, não emociona o leitôr. Moralidade, conselhos, critica e arte é coisa que toda a gente despreza, com aquele encolher de ombros que diz: cantigas.

E ha tanta gente que não comprehende a moralidade, que desconhece a arte nas suas mais rudimentares manifestações!..

Moralisar um povo, é educa-lo; interna-lo no campo da arte, é eleva-lo á concépção do Belo, que fez dos gregos um povo unico na historia; é purificar o sentimento, espiritualizando e purificando a dura materialisação da vida, com as suas lutas eternas na conquista do bem-estar social.

Onde a moral e a arte estiver desenvolvida tereis aí encontrado um povo culto e progressivo. Moralisar é limar as duras arestas aguçadas na maldade humana, no vicio, nas leituras perniciosas e doentias dos mancos especuladores das letras; é apontar-lhe o caminho do dever, é mostrar-lhe o homem tal como deve ser. Aconselhar é dirigir, guiar-lhes os passos.

Eis por que a tua revista, meu caro Moreno, inscrevendo no seu pendão a moral, a critica e a literatura é bem mais util do que vê-la cheia de mimos literarios, fragancias de idealidade, onde a fantasia predomine.

Para se regenerar uma sociedade é necessario primeiro, moralisa-la e educa-la. E nada melhor do que estas publicações escritas para os novos, porque só deles depende o levantamento da nossa Patria. O exemplo e o entusiasmo forte duma mocidade impulsiva, sam os mais fortes motores da propaganda.

Confio em que o teu ilustrado e sã espirito, junto á tua bela alma de poeta saberá conduzir a revista no caminho traçado, de fórma a confirmar o titulo

que lhe deste: Uma verdadeira «Alma Nova» no nosso meio literario algarvio, tam sáfaro ás boas leituras.

Lisbõa — 23.10.914.

MAURICIO MONTEIRO.



De S. Braz d'Alportel

### Actos de benemerencia

#### Escola FRANCISCA DE SOUSA PIRES

Esta escola foi fundada e é mantida por Antonio Rosa Brito, o qual lhe pôs, como estremoso filho que e, o saudoso nome de sua mãe.

O sr. Antonio Rosa Brito quando partiu de S. Braz para o Brazil, em busca de fortuna, podia-se considerar relativamente pobre; porém, á custa de estenuante trabalho e devido ao seu fino tacto comercial, conseguiu juntar um cabedal importantissimo. Mas mesmo do alto da sua fortuna não esqueceu a terra nem esqueceu a familia. Fundou a escola mencionada, pagando livros e todas as despesas relativas á sua instituição; tem em Lisbõa dois ou três rapases de sua familia, estudando na Escola Academica, e, finalmente, dá pensões a diversos parentes.

E' sem dúvida um bememérito, pois todo o seu coração se espalha em auras de Bem, — o bem da sua terra e da sua familia, dando exemplos dignos de serem louvados e seguidos por todos nós.

Pelo regulamento podêr-se-ha avaliar o que é a Escola Francisca de Sousa Pires e o elevado fim moral do seu fundadôr.

Diz esse: — Os fins desta Escola são os seguintes:

Art. 1.º — Ministrar o ensino primario do 1.º e 2.º grau, gratuitamente e de acôrdo com a lei de instrução, a quarenta crianças pobres, do sexo feminino, naturais da freguesia de S. Braz de Alportel, sendo preferidas na admissão: em primeiro lugar as órfãs de pai e mãe, e em 2.º as órfãs de pai.

Art. 2.º — No caso de não haver crianças órfãs nas condições designadas no art. 1.º, que completem o numero determinado, serão admitidas as filhas de pais de reconhecida pobreza, até completar o numero.

Art. 3.º — Não serão admitidas mais de quarenta crianças.

Art. 4.º — Só serão admitidas crian-

ças de 7 a 10 anos de idade, exigindo o Director, como prova, na ocasião da admissão, a certidão de nascimento e um atestado de pobreza firmado pela autoridade local, os quais documentos ficarão arquivados na Escola.

Art. 5.º — As alunas receberão gratuitamente, do Director, os livros necessarios ao estudo, que conservarão em seu poder enquanto pertencerem á Escola.

No caso em que as alunas inutilizem os livros, não lhes serão fornecidos outros e, para poderem continuar os estudos, terão os pais, ou seus protectores, de os substituir.

Tambem terão gratuitamente, na Escola, todo o material necessario para o exercicio de labores.

Art. 6.º — O ano escolar começará em 1 de outubro e terminará em 31 de julho.

As matriculas servirão por uma só vez até á conclusão do curso, desde que não haja interrupção.

Se a aluna pedir permissão para deixar de frequentar a Escola, o seu lugar será considerado vago, salvo se fôr por motivo de molestia, provando com atestado médico que precisa de licença para seu tratamento, com tanto que esta não exceda seis meses.

O tempo concedido como licença não será contado.

No caso de haver vagas, estas serão preenchidas no principio do ano escolar.

De 1 de Outubro a 31 de Maio, as aulas matutinas começarão ás 9 horas e terminarão ao meio dia; as aulas da tarde principiarão á 1 1/2 horas e terminarão ás 4 1/2.

De 1 de Junho a 31 de Julho, as aulas matutinas começarão ás 9 horas e terminarão ao meio dia; as aulas da tarde começarão ás 2 horas e terminarão ás cinco.

Art. 7.º — A Escela terá as seguintes férias:

Do encerramento dos exames até 30 de Setembro, e de 24 de Dezembro a 2 de Janeiro.

Art. 8.º — Dias em que absolutamente não haverá aulas:

Domingos, 5 de Outubro, 1.º de Dezembro, 31 de Janeiro, 3 de Maio e o dia feriado pelo Municipio (24 de Junho).

A professora, na véspera de cada dia feriado, ao encerrar a aula da tarde, fará uma dissertação historica com referencia ao dia seguinte, explicando ás alunas o motivo porque a Nação dispensa ferias nesses dias.

Nos dias santificados pela Igreja Católica, as alunas terão a liberdade de comparecer ou não, ás aulas, sem que seja considerada falta; a Escola estará aberta e funcionará com as que se apresentarem.

Art. 9.º — As alunas serão obrigadas a entrar nas aulas ás horas determinadas, inscrevendo-se no livro de ponto. Enquanto não souberem escrever, a professora fará a inscrição. A aluna que entrar na aula até meia hora depois da que está marcada neste regulamento, terá que explicar á professora o motivo da sua demora; se reincidir, a tolerancia ficará ao criterio da professora, que poderá levar a demora ao numero de faltas, ficando registada no livro de ponto.

Se a aluna entrar além da meia hora do horario regulamentar, não poderá tomar parte nas aulas e será considerada como falta.

Art. 10.º — A aluna que, sem causa justificada, deixar de comparecer ás aulas 30 vezes no decorrer do ano escolar, será desligada da Escola.

Art. 11.º — A aluna que não tiver bom comportamento na aula, será admoestada pela professora e, no caso de desobediencia, será suspensa pela mesma, não podendo a suspensão ser mantida por mais de três dias, os quais serão levados ao numero de faltas, de acôrdo com o art. 10.º

Art. 12.º — No caso de reincidencia, a professora suspenderá a aluna, levando ao conhecimento do Director os factos ocorridos, e este resolverá como fôr de justiça, podendo até expulsá-la.

Art. 13.º — A aluna que fôr expulsa não poderá ser readmitida.

Art. 14.º — A aluna que durante a frequencia de três anos não tiver conseguido fazer exame de 1.º grau, com aprovação, será desligada da Escola, não sendo permitida a sua readmissão, salvo se o motivo fôr a falta de idade legal.

Art. 15.º — A aluna que tiver feito o exame de 1.º grau e que, depois de dois anos, não fizer exame de 2.º grau, com aprovação, será desligada da Escola, sem direito a readmissão, salvo se o não tiver feito por falta de idade.

Art. 16.º — E' expressamente proibido o ensino ou prelecções sobre religião, seja ela qual fôr, por ser esse ensino do dever dos pais ou seus substitutos.

A professora do referido estabelecimento, a sr.ª D. Maria das Dôres Texugo, e o seu director, sr. Virgilio de Passos, teem tentado por todos os meios o engrandecimento da escola; uma, cumprindo á risca o regulamento e leccionando como bôa professora que é; outro, introduzindo ahí todos os melhoramentos possiveis.

Fica pois registado este alto acto da benemerencia de um homem que, saindo pobre da sua terra, á custa de honesto trabalho tem hoje uma fortuna brilhante e que, vendo-se senhor de todos esses cabedais, dedicou o seu primeiro pensamento á aldeia querida que lhe foi berço, dotando-a com uma escola modelo, que o honrará por toda a vida e fará com que depois de morto todas essas creancinhas orfãs que ahí estudam, já feitas homens e mulheres, o cubram de bençãos e falem de si a seus filhos religiosamente, fervorosamente, como se deve falar de um Bom.

JOSÉ DIAS SANCHO.

## NOTAS

### Nós e a imprensa

Temos o prazer de registar algumas palavras pela imprensa dirigidas á nossa modesta publicação, não deixando de patentear a todos que tão simpaticamente nos acolheram os nossos maiores motivos de reconhecimento, fazendo ao mesmo tempo sinceros votos porque sejim tambem participantes das prosperidades que nos auguram.

Da *Provincia do Algarve* (de Tavira):  
«*Alma Nova* — é o titulo dum novo colega que se publica em Faro, sendo seu director o sr. Mateus Martins Moreno, bastante conhecido no meio literario e jornalístico algarvio.

Apresenta-se esplendidamente redigido com colaboração variada e impresso em magnifico papel.

E' mensal, saindo o 2.º numero no dia 1.º de novembro e todos os outros no primeiro dia de cada mês.

Consta-nos que os seguintes numeros, alem de artigos de brilhantes escriptores algarvios e não algarvios, e diversos clichés, trarão a lista dalguns dos seus correspondentes e representantes (no país, ilhas e estrangeiro), acompanhada das respectivas fotografias.

Apresentando os nossos agradecimentos desejamos ao novo colega as maiores prosperidades.»

D'O *Heraldo* (de Faro):

«*Alma Nova* — é o titulo de recente publicação periodica de Mateus Martins Moreno, titulo que naturalmente é devido, cremos nós, á circumstancia de ser ainda um moço o escriptor que a dirige. Mas nem por isso a nova publicação deixará de ser um repositório util e curioso de bons ensinamentos e de filosofia agradável, como em geral o teem sido todas as mais que ele, cheio de vida, de boa vontade e de esperança, tem apresentado á luz da critica.

Mateus Moreno é já sufficientemente conhecido na literatura do Algarve, ocupando ao lado dos melhores escriptores um lugar de bom acolhimento e de justa deferencia.

A *Alma Nova*, cujo primeiro numero saiu no dia 20 de setembro, passará a publicar-se regularmente no dia 1 de cada mez, a contar do segundo numero, que deve sair no dia 1 de novembro. Nesse numero encontrar-se-ão artigos brilhante de escriptores algarvios e não algarvios, com diferentes clichés, e a lista de varios dos seus correspondentes e representantes, acompanhada dos respectivos retratos.

Felicitemos este nosso colega e desejamos-lhe todas as prosperidades.»

Muitos outros colegas se nos dirigiram em termos assim elogiosos, que devido á falta de espaço não podemos registar.

### Aos nossos colaboradores

Para os brilhantes escriptores, a quem dirigimos o nosso convite e tão sollicitamente nos atenderam, as nossas iguais provas de reconhecimento, conscios de que não deixarão de illustrar com a sua pena os numeros subsequentes.

Estas ainda pelos incitamentos transmitidos em cartas particulares.

A'queles a que a inconstancia do tempo nos não tem permitido dirigir convite especial, aqui o deixamos, na mais esperançosa crença de sermos atendidos.

## Expediente

Em virtude da cobrança aos semestres nos acarretar despesas que não previamos e atendendo ao exigno da importância, só fazemos esta por anos.

Apoz a recepção do presente numero receberá o leitor a quota da sua assinatura. Satisfaze-la é um dever que todos não esquecerão, pois, como deverão saber, é na protecção exclusiva dos seus assinantes que está confiada a manutenção da «*Alma Nova*»; sendo bem amargo para nós que um gesto menos grato nos venha redobrar os sacrificios a que tam desveladamente nos abalançamos.

A todas as pessoas a quem hoje enviamos pela primeira vez a vossa revista, pedimos a gentileza de no-la devolverem, caso a não queiram assinar. A's que já enviámos não aproveita a observação.

## PALCOS & CINEMAS

**Nacional** — A Inauguração da época de inverno, no teatro Nacional Almeida Garrett, efectua-se a 6 de novembro, com a «*primière*» da peça de Pierre Wolff, «*O Enxurro*», traduzida pelo sr. Mario de Almeida.

**Gymnasio** — Obteve um ruidoso successo a impagavel peça de Fey deau, tradução de Cunha e Costa, «*O Pato*» que prolongará os seus espectáculos até a inauguração da época de inverno. Seguir-se ha uma tradução do francês por J. Soller, intitulada *Chuva de filhos*.

**Eden-Theatro** — A empresa do *Ciclo Teatral* deve estar vangloriada pela forma simpatica como o publico soube corresponder ao seu arrojado empreendimento, dando-lhe enchentes consecutivas.

**Teatro da Trindade** — Foi inaugurada a época de inverno, com a peça de empolgante actualidade *Avante Franceses*.

Da companhia faz parte a distinta atriz do ex teatro Republica, Leonor Faria.

Os espectáculos são por sessões e a preços reduzidos.

**Teatro Roenina** — Depois de algumas modificações que ultimamente sofreu, abrirá de novo as suas portas ao publico na proxima semana. A peça de inauguração é a revista em dois atos, por sessões, *Cen Azul*, original de André Brun.

**Coliseu dos Recreios** — Está provado que o publico tem uma simpatia especial pelos espectáculos de circo.

O empresario sr. Antonio Santos sem olhar a despesas apresenta-lhe o que de mais extraordinario existe no mundo; e por isso não admira a concorrencia.

**Olympia** — O ciné mais distinto da capital. A's segundas *soirée* da moda.

**Salão Central** — Explendido concerto e cinematografo.

**Chiaão Terrasse** — *Rendez-vous*, da nossa melhor sociedade.

**Salão da Trindade** — O mais amplo animatografo de Lisboa. Sempre estreias.

No proximo numero faremos uma apreciação das obras recebidas.



ALMA NOVA é uma das mais populares e curiosas revistas que no genero se publicam em Portugal.

Sai a 1 de cada mês, e traz sempre colaboração dos principaes escriptores do Algarve a par de belos clichés e brilhantes copias de quadros de artistas algarvios.

Tem correspondentes e Representantes no Paiz, Colonias e Extranjeiro.

Casas que vendem a ALMA NOVA:

**Em Faro:** «*Tabacaria Havaneza*», de Miguel Neves & C.<sup>ta</sup> e «*Livraria das Novidades*» de A. Santos Capela.

**Em Lisbôa:** «*A Favorita*», Rua da Escola Politecnica, 45 e 47 e *Tabacaria Neves* — Rocio.

**Em Coimbra:** «*Livraria Neves*», Rua Candido dos Reis, 60.

Numero avulso 4 centávros

## Recebem-se anuncios

1 pagina 5\$; 1/2 pag. 2\$60; 1/4 pag. 1\$60; 1/8 pag. 90 cent.

Permanente contrato especial

(PAGAMENTO ADIANTADO)

### ORIZALINA

A mais bela e segura pintura para tingir o cabelo. Producto absolutamente inofensivo e de resultado garantido. Pinta em todas as cores.

A' venda em Tavira, na

**FARMACIA DO MONTE-PIO TAVIRENSE**

Deposito geral — **FARMACIA BARRETO**

Rua do Loreto, 24 a 30 — LISBOA

Telefone n.º 3098

### "ADUBOS,"

de toda a especie

### O. HEROLD & C.<sup>A</sup>

Sucursal em Faro

**RUA D. FRANCISCO GOMES, 45**

ONDE

Se executam todas as transacções

### A. MARTINS PAULA

Cirurgião-Dentista

pela

Escola Medico-Cirurgica de Lisboa

Clinica de bôca e dos dentes

DENTES ARTIFICIAES

RUA CONSELHEIRO BIVAR, 15-1.º

**FARO**

### Livraria das NOVIDADES

de ANTONIO DOS SANTOS CAPELA

Rua da Marinha, 15 — FARO

Livraria, Papelaria, Loterias e Tabacos nacionaes e estrangeiros

N'este estabelecimento vendem-se e compram-se todos os livros para escolas e liceus, romances e obras scientificas. Recebem-se diariamente todas as novidades litterarias, jornaes de modas figurinos e publicacões.

Grande sortimento em bilhetes postaes

Assinaturas permanentes de todos os romances e mais obras. — Descontos aos revendedores e estudantes. — Encadernacões a preços resumidos. — Agente das principaes casas de Lisboa.